

HELENA SILVEIRA, FICCIONISTA EVENTUAL

Rui Ribeiro

Maior seria a produção ficcional de Helena Silveira (1911-1984) se o jornalismo não a tivesse absorvido. De início, premida por necessidades financeiras, em consequência do fim de casamento frustrado, e depois pelo gosto ao ofício, a autora faria longa carreira na imprensa como cronista social inovadora e crítica cinematográfica. Além dos registros de acontecimentos relacionados com a alta sociedade, deixou numerosas crônicas no gênero propriamente dito, onde sua sensibilidade artística reciclou material descartável do cotidiano, para plasmar minúsculas peças literárias resplendentes. Parte desses textos foi reunida no livro “Carneiro branco, sombra azul” (1954). Outros tantos estão esparsos nas páginas da “Folha da Manhã” e da “Folha da Noite”, na qual assinou durante muito tempo uma crônica quase que diária a partir de 1947. Desde muito jovem principiou a escrever contos, mantidos guardados, talvez temendo comparação com a irmã, Dinah Silveira de Queirós, que iniciara brilhante carreira de escritora com o romance “Floradas na serra” (1939). Entretanto, por indiscrição do jornalista Mariano Costa, foi surpreendida pela publicação em página inteira da “Folha da Manhã”, da sua história curta “Vida”, ilustrada por Belmonte. A partir daí divulgaria outras produções no suplemento literário do mesmo jornal, incentivada pelo seu editor Rui Bloen. Mais ou menos pela mesma época, teve o conto “Meu violino e Débora” divulgado no jornal carioca “A Manhã”, por iniciativa do Ribeiro Couto. A publicação veio acompanhada de comentário elogioso do escritor, destacando: “...que Helena Silveira só tem vinte e poucos anos (e) estreia em nossa literatura com uma personalidade própria e um estilo próprio.”

Grças ao sucesso inicial alcançado, a autora foi procurada, em 1943, por Edgard Cavalheiro, então diretor, em São Paulo, da editora Globo de Porto Alegre. Recebeu proposta para a edição dos contos já publicados, acrescidos de outros inéditos. Surgiria assim, no ano seguinte, a coletânea “A humilde espera”, que foi considerado a estreia do ano por Tristão de Atayde. Na mesma esteira, outras críticas favoráveis saudaram o lançamento. A nota destoante partiu de Mário da Silva Brito, condenando o excesso de adverbiações dos textos, carentes, na sua opinião, de burlamento, embora reconhecesse o talento da escritora. Esta, entretanto não era

adepta do estilo enxuto, nem da restrição do uso dos advérbios, adjetivos e metáforas, mantendo-se fiel à sua forma de narrar na nova seleção de histórias curtas publicadas em 1953, sob o título de “Mulheres, frequentemente”. A obra foi agraciada com o prêmio Antonio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras e Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Anos mais tarde, a contista revelaria que se inspirara na fase da própria insegurança e solidão que atravessava para compor criaturas em descompasso com a vida, na permanente busca de referência e identidade. São constantes nas tramas presenças de “viúvas de marido vivo” e de figuras femininas solitárias, como em “A sombra dança” na qual a mulher tem por companhia apenas sua sombra. Da mesma forma, o trauma de casamento desastroso também se refletiria nas histórias, onde os homens são sempre vistos através das mulheres. Daí o acerto dos títulos dado aos dois volumes que reúnem os contos.

A pedido da irmã Dinah, Helena Silveira escreveu seu único romance “Na selva de São Paulo” (1966), que definiu como de “costumes”, e no qual sintetiza “... determinados ‘tipos-padrões’ de pequenos grupos entediados que se atiram ao prazer como a um vício.” Mesmo que destaque se tratar de obra de ficção, é de se deduzir que alguns personagens foram decalcados de figuras reais, conhecidos mercê de seu ofício de cronista social. Muitos aparecem com seus nomes próprios, “...para que se situe bem, no tempo, na paisagem, a ação.” Outros estão registrados sob disfarce, mas facilmente identificáveis, como é o caso do costureiro Denner. Para Lygia Fagundes Telles, a autora registrou “...doloridos flagrantos de uma sociedade doente, em “...real e simbólico documento de uma época em que o dinheiro e o poder inverteram os valores humanos de tal maneira que se formou uma espécie de casta dentro da qual só sobrevivem os hipócritas e os corrompidos.” Desfilam pela narrativa figurões da nobreza agrária decadente, de permeio a representantes da nobreza da indústria da imigração, além de artistas, intelectuais e novos ricos em busca de escalada social pelos meios habituais das “...amabilidades, curvatura aos caprichos de todos os que detêm os postos para o ingresso nos chamados “top set”, incluindo presentes aos colonistas sociais em evidência e dispêndios elevados com recepções. Descrições minuciosas devassam o ambiente de reuniões festivas regadas a uísque importado e encontros informais em boates, clubes e bares de luxo, onde



Helena Silveira

fervilham intrigas, futilidades, ambições, vaidades, ódios, egoísmos. Nas conversas também explodem palavrões, acolhidos como sinal de espírito de vanguarda. Personagem marcante no enredo, Sofia Couto de Castro tem como único capital sua beleza, com a qual mantém fascinado banqueiro rico, que montou para ela sofisticado apartamento na Avenida São Luiz, decorado inclusive com obra do pintor Pedro Américo. O quadro representa Vênus deslumbrante saindo de banho matinal e teria pertencido a Dona Veridiana Prado. O toque de fantasia que recobre o retrato não disfarça o traço forte de realidade de “Na selva de São Paulo”. Antes, realça as características de um período da vida social da metrópole em toda a extensão de seus contrastes.

Do legado de Helena Silveira constam ainda os relatos de viagem “Damasco e outros caminhos” (1957), reeditado com o nome de “Memória da terra assassinada” (1976), “Os dias chineses” (1961) e a controvertida peça teatral “No fundo do poço” (1950), feita em conjunto com Jamil Almansur Haddad. Perpassam as páginas de “Paisagem e memória” (1983) - seu livro derradeiro - lembranças doces e amargas da menina órfã de mãe, criada pela tia-avó, da mocinha sonhadora, da mãe-de-família zelosa, da ficcionista de obra elogiada pelos mestres Graciliano Ramos e Sérgio Milliet e, sobretudo, da jornalista que em mais de quarenta anos de atividade produziu quilômetros de escritos. Se juntados em linha reta, esses textos rodeariam o mundo, afirmaria a autora.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário, advogado e autor de Águas Fugazes.

Biografias Autorizadas?

Rosani Abou Adal

Sou a favor da publicação de biografias e, desde já, autorizo a publicação da minha.

Sou contra a difamação, as fofocas veiculadas em colunas fúteis, nos periódicos ou na internet, pois são vazias de conteúdo, nada acrescentam e nada fazem em prol da nossa Cultura e das nossas Letras. Também sou contra a perseguição dos paparazzi em busca de deslizes da vida alheia e que fotografam pessoas famosas sem autorização.

Você é a favor ou contra a publicação de biografias?

Devem ser autorizadas ou poderão ser publicadas sem autorização?

A Ministra Cármen Lúcia também quer ouvir opiniões a respeito e, portanto, determinou a realização de audiência pública, nos dias 20 e 21 de novembro, das 9 às 13 horas, para discutir a necessidade de autorização para a publicação de biografia.

As entidades e pessoas interessadas em participar deverão encaminhar requerimento, até o dia 12 de novembro, para o e-mail autorizacaodebiografia@stf.jus.br.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo.

POLÍTICA E LITERATURA

Raymundo Farias de Oliveira

Política é um despertador de paixões. Faz grandes amizades e grandes inimizades. Reúne antigos desafetos e separa amigos. Uns fazem política com o fígado. Outros usam o coração. Estes, são sonhadores. E há aqueles que se servem da astúcia... São terríveis. Armam jogadas, trações, rasteiras – tudo em nome de sua "causa". Tudo para chegar ao poder. E aí, como o poder nas mãos, mostram-se por inteiro. Revelam o espírito e a alma. Às vezes, surpreendem no bom sentido. Às vezes, decepcionam. E assim a política segue com seu teatro espetacular na marcha do tempo.

Graciliano Ramos, nascido em Quebrângulo, Alagoas, Velho Graça ou Mestre Graça como o chamavam carinhosamente, é um dos mais notáveis escritores da moderna prosa brasileira. Foi prefeito de Palmeira dos Índios nos anos de 1929 e 1930. Enviou dois relatórios de sua gestão ao governador do Estado. Ao ver estes dois relatórios, o poeta e editor Augusto Frederico Schmidt encantou-se com o "estilo" do prefeito. Achou que ele devia ter um romance na gaveta. Interessou-se em editá-lo. Viu em um dos relatórios uma linguagem nada burocrática, mas criativa e com "o fel da ironia."

Eis alguns trechos. "Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos. Os cobradores de impostos, o comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Os fiscais, esses, resolviam questões de polícia e advogavam... encontrei obstáculos dentro da prefeitura e fora dela – dentro uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bilis... Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos: saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma...

Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome. Não me fizeram falta. Há descontentamento. Se a minha estada na prefeitura por esses dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos..."

Como se vê, Graciliano Ramos estabeleceu, com imensas dificuldades, alguma ordem na administração municipal de Palmeira dos Índios. E os tais relatórios revelaram seu arrebatamento literário que ecoaria em suas obras lidas, com vivo interesse, até hoje. Posicionou-se contra a política de Getúlio Vargas e foi

preso e deportado para o Rio de Janeiro. Na ilha em que ficou, escreveu "Memórias do Cárcere", que virou filme com extraordinário sucesso de bilheteria. Militou no Partido Comunista. Sua obra literária (*Vidas Secas*, *Angústia*, *Caetés*, que foi o primeiro livro publicado, e outros) retrata a paisagem e sofrimento do sertanejo nordestino – vítima, até hoje, da inclemência do clima e da exploração dos "coroneis" da terra e da política paternalista.

O autor alagoano foi o homenageado da Festa Literária de Paraty (11ª Edição), que aconteceu de 3 a 7 de julho. Mestre Graça morreu em 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro, vítima de câncer no pulmão. Tive a honra de conhecer seu neto, Ricardo Ramos Filho, já falecido, quando diretor da UBE, aqui em São Paulo.

Penso que a atuação política de Graciliano Ramos guardou perfeita simetria com sua atuação artística no mundo sensível da ficção. Acho que fez política e literatura com o coração, sonhando com um mundo mais solidário, fraterno e justo.

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.



Graciliano Ramos



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____
Endereço: _____
Cidade: _____
Estado: _____ Tel.: _____
E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: (11) 2693-0392

Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2034) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 98964744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana* distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 347 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

As Veredas de Caio Porfírio Carneiro

Teresinka Pereira

A capa de **Veredas da Caminhada*** de Caio Porfírio Carneiro é chamativa e bem inspira o que vai por dentro nas páginas do livro. A narrativa é poética e só falta mesmo reparti-la em versos, coisa que qualquer leitor pode imaginar, ou fazer, assim como a ponho aqui:

FUGA

(Fragmento)

Sem ninguém por perto. / Sem ninguém olhando. / Sem vento soprando. / Sem chuva caindo. /

O silêncio nesta rua deserta, / nestas casas fechadas que me olham, / nesse tempo parado e que corre mudo, / nesta neutralidade total, é mais acolhedor. / (p. 45) **Caio Porfírio Carneiro**

Correspondo com um escritor e poeta espanhol e sempre intercambiamos opiniões sobre a escritura. Um dia ele me escreveu:

"A prosa é um dos meus admirados luxos, desde o dia em que tive a sorte de aprender que se ao escrever não se deixa de ver o que rodeia a gente e o instala na fértil geografia dos sentimentos, pois, isso vai fazer possível pouco menos que tudo. **Floral Rodrigues de la Paz** Agora me parece que a prosa de Caio Porfírio Carneiro é um desses luxos, usando palavras e imagens para descrever e narrar as sensações que lhe ocorrem nas "veredas da caminhada".

Entretanto no livro vem também páginas de poesia em versos espontâneos, livres, de todos os tamanhos, na harmonia da lírica. Versos como do poema "Decisão" que a gente pode colocar em linhas seguidas e fingir que seja prosa: "Quero ir para o Oeste. / É por ali. / Por aqui? / É. / É muito longe? / Não sei." (p.29) Aliás, isto poderia também ser um diálogo!

Por estas coisas, podemos dizer que **Veredas da Caminhada** é um livro de todos os gêneros. Por exemplo, o texto intitulado "A roseira" é um conto dialogado, é a história de uma rosa, de um espinho de rosa, de uma roseira, etc. Desde a primeira página o autor define o livro

como "de contos" e diz muito categoricamente: "conto é conto quando conto é"... "Conto é a arte do implícito." Enesse ponto estou de acordo com ele: é o autor que define o gênero do livro, e se ele diz que é conto, é porque é. Mas a opinião contrária é que até mesmo o título do livro parece anunciar poesia... Mas os contos têm temas e narrativas de caminhadas pelas veredas, de dos encontros de personagens nestas caminhadas, como em "Flor Silvestre" onde um homem oferece uma flor da beira da estrada a uma mulher e ela a guarda numa caixa especial de colecionar pétalas e folhas para lembranças.

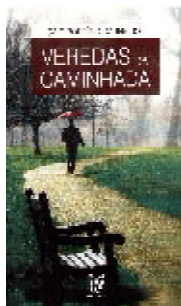
Um dos contos mais interessantes é o "A Reforma", que a caminhada do personagem serviu para que ele aceitasse a ideia de reformar a casa, uma imposição da mulher. Outro ainda mais forte é "O Pacote", dinheiro achado numa caminhada na rua e usado imediatamente para pagar suas dívidas, quando ao voltar para casa o personagem fica sabendo que era o dinheiro da vizinha, que estava desesperada com a perda!

Cada conto apresenta em sua síntese uma caminhada pela vereda de aventuras com a experiência emocional dos acontecimentos na vida de algum personagem que pode ser o próprio autor ou seus conhecidos. Tudo muito simples, claro, instintivo, mas com predominância da ética.

Veredas da Caminhada não é um livro de estreia, pelo contrário, está celebrando os cinquenta anos da estreia do autor em publicação. Caio Porfírio Carneiro tem mais de trinta livros publicados, pelos quais recebeu importantes prêmios como o "Afonso Arinos" da Academia Brasileira de Letras e o prêmio *Jabuti* da Câmara Brasileira do Livro. **Veredas da Caminhada** também merece um prêmio.

* Carneiro, Caio Porfírio: *Veredas da Caminhada*. São Paulo: R.G. Editores, 2011.

Teresinka Pereira é poeta, tradutora e presidente da International Writers



SUBJETIVA II

Eunice Arruda

Ainda ontem plantei flores na tarde
para poder dormir
mas não quero vê-las
orvalhadas ou murchas

Tenho dó das mãos que sabem
florir canteiros e
cobrir-se de
outono

Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Oblação da Poeta

Marta Gonçalves

Os filisteus andavam na terra seca.
Homens, mulheres, crianças ajuntavam no grupo
e cantavam uma canção de antes de Cristo.
Socavam uvas com os pés, para fazerem o vinho
e comemoravam o jovem Davi.
Davi com seu estilingue acertou o gigante Golias
com a ajuda de Deus.
Davi chegou numa caruagem e entrou na aldeia dos filisteus.
Dançaram, beberam vinho e aportaram na aldeia com o festejo.
Depois apanharam flores em três dimensões e ofereceram ao Cristo.
Uma chuva de prata caiu na cabeça dos homens.

Marta Gonçalves é escritora, poeta e membro do grupo literário da Associação de Cultura Luso-Brasileira.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

Jorge de Andrade

Rodolfo Konder

Já o conhecia como dramaturgo consagrado, quando começamos a trabalhar juntos, na redação da revista *Realidade*. Ele era um homem calmo, discreto, voz pausada. Fumava, sempre com piteira. Observador, atento à aventura humana, trouxe para a imprensa seu imperturbável espírito de indagação e sua crença inabalável no ser humano. "O homem é fundamental. Ele faz a história. Transforma o mundo e se transforma a si mesmo. Abre caminhos, é dono da sua verdade".

Como repórter especial, escreveu perfis memoráveis, como os de Érico Veríssimo, Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Houaiss, e redigiu matérias antológicas, como "O canaliz esmaga o homem", "Preso até o fim da vida" e "Frente de trabalho no Ceará". Editava seus textos como se lapidasse diamantes.

Ele chegou à redação trazido pelo então diretor da revista, seu amigo Paulo Mendonça. Sentou-se numa mesa ao lado da minha. Conversávamos muito – e logo nos tornamos amigos. Um dia, para minha surpresa, pediu que eu fizesse o prefácio para um livro da Editora Global, com sua peça "O Incêndio". A história transcendia os padres pré-Medellin, os coronéis do antigo PSD e os delegados da UDN; transcendia até a história da repressão no interior brasileiro. Era uma vigorosa denúncia do fanatismo, da intransigência, da intolerância.

Nas peças de sua primeira linha de dramaturgia, Jorge escrevia sobre o passado, para falar do presente e torná-lo mais compreensível.



Jorge de Andrade

Depois, com "Milagre na cela", "A zebra" e "O incêndio", ele passou a escrever sobre o presente, para discutir e esclarecer o futuro. Para a televisão, levou os mesmos instrumentos analíticos impecáveis, com "Os ossos do Barão" e "O grito".

Nos anos 90, quando Jorge já não estava mais entre nós, levado pelas forças incontroláveis do destino para o outro lado das florestas do tempo, felizmente pude prestar homenagem ao amigo ausente, como Secretário Municipal de Cultura. Dei ao Arquivo Multimeios, do Centro Cultural de São Paulo, o nome de sala Jorge de Andrade.

A Sala abriga mais de 600 mil documentos. Arquitetura, Artes Gráficas, Artes Plásticas, Fotografia, Cinema, Comunicação de Massa, Literatura, Música e especialmente Artes Cênicas (circo, dança, teatro) – está tudo ali. A memória artística da nossa maior metrópole está ali, preservada. A lembrança do amigo envolve e protege o que temos de melhor em nossa história paulistana. Assim seja.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor, Diretor da ABL em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

CARTAS

(Para todos aqueles que ainda escrevem cartas)

Emanuel Medeiros Vieira

Quem escreve cartas hoje? Não, não falo de meras mensagens eletrônicas. Estou falando de cartas escritas com paixão. Cartas carregadas de afeição. Refiro-me àquelas que são postadas nos correios. Quando enfrentamos filas, compramos e colamos selos. Quem escreve e recebe respostas destas cartas, sabe como é bom chegar às nossas casas no crepúsculo de cada dia e encontrar uma dessas missivas de amigo. Não, não falo de convites, cartas institucionais, propagandas de cursinhos, de prospectos impessoais oferecendo remédios para calvície, gorduras e todos os infortúnios da alma e do espírito. Falo de cartas e amigos e de amadas. Carta, para mim, é aquela que contém pele, carne, sentimentos. Nesta crônica queria defender, como um Mário de Andrade reencarnado, a restauração do hábito de redigir cartas. Mesmo que fragmentárias, trôpegas, curtas. Carta onde a gente leva algo de nós próprios. Nos tempos da impessoalidade, da tecnologia, da obsessão do lucro, onde o Deus mercado impera escrever cartas pode não ser algo



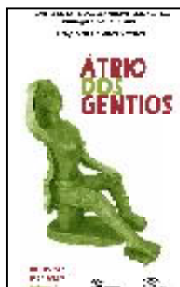
Mário de Andrade

napoleônico, mas faz muito bem à alma. VIVA A EPISTOLOGRAFIA! Deixemos o pessimismo para tempos melhores... Os indivíduos morrem, porém a sabedoria que conquistaram ao longo de suas vidas não. A humanidade guarda toda a sua sabedoria, e cada um faz uso da sabedoria daqueles que o precederam, como salientou Leon Tolstói. Amigo: escreva cartas! Termina com a iluminada Clarice Lispector, que também amava as cartas: "Até chegar à rosa foi um século de coração batendo".

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, professor e crítico literário.

CEHC/Grupo de Debates NOÉTICA

www.noetica.com.br



Saiu o Volume nº 9 da coleção PALAVRAS ESSENCIAIS que trata do tema ÁTRIO DOS GENTIOS.

Com coordenação de João Barcellos e selo da Edicon, com apoio do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Portugal) e do Grupo de Estudos Noética, vários intelectuais latinoamericanos discutem os dogmas místicos e sua relação social.

João Barcellos coordena, também, a coleção DEBATES PARALELOS, hoje com 8 volumes.

EDICON: Tel.: (11) 3255-1002.

Todo mundo adora ver
uma caricatura bem
feita. E bem feito
pra você que
ainda não tem.



www.xavi.com.br



DEUS NA POESIA DE LÊDO IVO

Anderson Braga Horta

Aos 19 anos de idade, Lêdo Ivo desce da natal Maceió, e do Recife, onde se formou intelectualmente, para o Rio de Janeiro, terra de sua adoção definitiva. Na bagagem, *As Imaginações*, poemas escritos a partir dos 16, que publicaria no ano seguinte, ainda estudante da Faculdade Nacional de Direito. Brilharia também como contista e romancista, cronista e memorialista, ensaísta e tradutor.

Com *As Imaginações*, abriu-se ao poeta pouco mais que adolescente uma porta de ouro. Sua "estréia deslumbrante" (Mário de Andrade) foi vibrantemente saudada pela fina-flor de nossa intelectualidade. Depois vieram *Ode e Elegia*, *Acontecimento do Soneto*, *Ode ao Crepúsculo*, *A Jaula*, *Ode à Noite*, *Cântico*, *Ode Equatorial*, *Linguagem*, *Um Brasileiro em Paris*, *O Rei da Europa*. Então surge *Magias*, ponto alto e divisor de águas. Mas a obra continua: *Os Amantes Sonoros*, *Estação Central*, *Finisterra*, *O Soldado Raso*, *A Noite Misteriosa*, *Calabar*, *Mar Oceano*, *Crepúsculo Civil*, *Curral de Peixe*, *O Rumor da Noite*, *Plenilúnio*. Reuniu-a a Topbooks numa brochura de mais de mil páginas – *Poesia Completa (1940-2004)*. Enfim, como fecho provisório, *Réquiem* (Contra Capa, Rio, 2008). Provisório porque já surgem novidades, a exemplo de *Mormaço*, lançado por essa editora em meados de 2013, mas primeiro conhecido na versão espanhola, *Calina*, de 2011. Registro a homenagem de Antonio Miranda, que publicou em 2012, em Brasília, com o selo Poexílio, por ele criado, o livro *Poesia Breve*, e-book e edição impressa de trinta exemplares, com ilustrações de Zenilton de Jesus Gayoso Miranda e estudo crítico de Antonio Carlos Secchin.

Os livros da primeira parte estabelecem uma poética do excesso e banham-se em águas de um certo surrealismo. (Bem o disse Ivan Junqueira no excelente prefácio a *Poesia Completa*.) Não, decerto, de um surrealismo ortodoxo (se é lícito o sintagma, que cheira a oxímoro...). O Autor não pratica a escrita automática pura e simples: o espontaneísmo agita nesse barco os seus estandartes, mas o consciente não deixa de aí exercer, ao fim e ao cabo, a sua vigilância, diria mesmo o seu comando.

Com excesso, no caso, quer-se aludir à desenfreada volúpia verbal, à riqueza polissêmica, não apenas à extensão, ao volume dos versos. Ronaldo Costa Fernandes, em ensaio, na *Revista Brasileira* (n.º 56, 2008), salienta, referindo-se à acusação de prolixidade, que "o problema não é a extensão do verso, mas sua vacuidade ou não", e que, neste "poeta caudaloso", isso "que poderia ser defeito é virtude".

O Poeta mesmo o reconhecia, no fragmento final de "O Desembarque", poema em prosa de *Mar Oceano*: "Meu reino é o excesso, esse rival incomparável do rigor e da medida." E nos versos iniciais de "Promontório" (*Curral de Peixe*): "Sempre busquei a profusão das chuvas / e celebrei o excesso."

É esse um traço mais perceptível nos poemas da primeira fase; a partir de *Linguagem*, mais acentuadamente a partir de *Um Brasileiro em Paris*, que lhe é como um prolongamento, começa ele a inflitir para controle maior do jorro poético; em *Magias* (para mim o seu livro maior, o que apresenta o mais numeroso e consistente bloco de poemas notáveis), atinge o equilíbrio ideal entre fluxo e contenção. O poeta amadurece. É uma sensível mudança, mas não lhe desfigura a essência. O jorro continua.

Lêdo é um enamorado da linguagem (que nomina um de seus livros), o que fica de logo patente na já assinalada relação volúpica entre o poeta e as palavras. Adora uma vagabundagem pelos seus campos, chegando a tematizar no poema acidentado como a metáfora, o anacoluto, a diérese (título de poema em *Curral de Peixe*). Senhor de grande vocabulário, aprecia a combinação de palavras díspares, nisso incluída a adjetivação improvável.

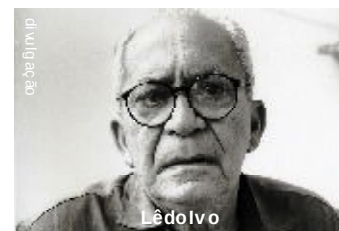
Tempo e eternidade – para usar o binômio de Jorge de Lima e Murilo Mendes, poetas com os quais Lêdo Ivo tem afinidades – frequentam do início ao fim esta poesia inquieta, de envolta com sua grande obsessão: Deus. O silêncio de Deus. Os caminhos de Deus. A desnecessidade de Deus. A necessidade de Deus. O incômodo de Deus. A procura de Deus. Vale a pena uma olhada nalguns pontos desse caminho tortuoso.

Nos primeiros livros Deus é apenas um coadjuvante bem-comportado, quase um figurante. De repente, em *Finisterra*, dá sinal de si e "é como os morcegos: / voando à noite entre

os espaços estrelados / procura chupar o sangue dos homens / que enegrecem os dias com os seus pecados" ("Nossa Senhora das Correntes"). Adiante, sem "Os Anjos da Igreja do Rosário", "uma luz vermelha / no sacrário escuro / guarda o coração / do Deus invisível / que suspende os anjos / e deforma os homens". Já surge, então, como um personagem incômodo, mas ainda não se tornou protagonista. Em *A Noite Misteriosa*, torna-se objeto de dúvida na boca de um "Soneto Erradio": "Não sei se sou a caça ou o caçador. /... Não sei se Deus existe ou se é, na tarde, / como o barco que passa sob a ponte, / e seja apenas um rumor de fonte / a água da sede que em meus lábios arde." E é nesse livro que assume o primeiro plano: toda a seção terceira,

"Vida de Sempre", lhe pertence. São 32 poemasseguidos em que lhe cabe a parte principal. E Ele aí, múltiplice, é "algo cintilante / como a cauda de um cometa", "o esquilo que atravessa a estrada / o musgo que esverdeia o portão / a flor aberta antes do tempo / no jardim onde as cores se esconderam". Toma-se dramático e é "O Intruso" que se esconde "no estábulo" ou "no porão junto aos ratos"; ou assume, antiteticamente, desde o papel do "galpão onde nos abrigamos" até o do "animal que avança sobre nós / no pesadelo". Vive entre bichos repugnantes ou peçonhentos, rasteja como um verme e "anda na lama como um goiámo", oculta-se "no pântano, / entre os borrachudos": protesto do Poeta ante os abismos da Vida, que não pode compreender? E "está em nada" e "está em tudo". Liricamente, "Deus e dois são cinco / na tabuada / do mais puro amor"; e só Ele "limpa e lava / tudo com a água / da límpida cisterna / que é a vida eterna"; mas "não cheira a incenso. / É no estreme fresco / e na alga viscosa / que devemos ver / os sinais divinos / com os olhos de quando / éramos meninos". Mesmo tratando de Autor/Ator de tão majestoso porte, não deixa de fazer piada: Em "O Pecado Original", por terem Adão e Eva comido o fruto proibido é que hoje "pagamos os motéis com o suor do nosso rosto". Entre aceitação e recusa, entre sinceridade absoluta e algo de pose, entre pureza e humor, Deus é o fio de seu drama, num conjunto poemático de grande força.

Nos livros seguintes, Deus continuará desempenhando um impres-



sionante papel. Em *Mar Oceano*, assusta-o um "Deus cruel que envenena os fungos" e cujos embaixadores "são formigas, corujas, ratos e morcegos". O Poeta, que em "O Turista" (Deus é o "grande turista") declarava invejar "as gaivotas / que bicam a água cinzenta / – as gaivotas que não precisam de Deus", em *Rumor da Noite* dirá: "Não preciso de nada. / Só preciso de Deus" ("A Necessidade"). Esse Deus que "é o silêncio / que habita as galáxias" ("O Refém", de *Crepúsculo Civil*). Em "A Interpelação", páginas adiante, Deus diz: "Eu sou a Linguagem."

A procura de Deus é o mergulho ontológico. Indagar do divino é perquirir o sentido da vida. É esse o caminho de angústia do poeta Lêdo Ivo. E é um dos seus mais opulentos de sua comucópica poesia.

Em 2004 falece a esposa do Poeta, Maria Leda. Dessa perda resulta o *Réquiem*, belo volume ricamente ilustrado com pinturas de Gonçalo Ivo, filho do casal, e um desenho de Gianguido Bonfanti. Nesse poema quase final, a dor impera. Desarvoradamente o começa: "Aqui estou, à espera do silêncio." Sob o alude da dor como que cessa a busca: "Nada sabemos, a não ser que há uma noite / pura e vazia à nossa espera. Uma noite intocável / além do fogo e do gelo, e de qualquer esperança." E prossegue, em fundo lamento: "Somente a morte ensina que os anjos não existem. // Tudo o que perdi, perdi para sempre", até chegar ao termo desamparado de seu "longo caminho entre dois nada's". Relvindo, porém, para fecho entre dúbio e luminoso da jornada – a do Poeta e a nossa – estas palavras de nauta que insiste em manter os olhos descerrados ante o Encoberto Mar:

.... e agora, diante do oceano
exato e visível, diante do
grande mar prosódico,
nada sei sobre a travessia.
Após tantas viagens, esta é a
última fronteira
que me cabe transpor.

Anderson Braga Horta é poeta, advogado, tradutor e membro da Associação Nacional de Escritores.

Aldravipeia

J. B. Donadon-Leal

Na apresentação das aldravias, em dezembro 2010, os poetas aldravistas anunciaram que as aldravias não seriam fôrmãs, inscritas apenas numa proposição sintética de seis versos univoculares, mas formas abertas às mais diversas experiências poéticas que tenham como prioritária a palavra. Ficava claro que não anunciávamos unicamente um novo tipo de "poema", mas propúnhamos uma nova "poesia" que expressasse a atualidade de qualquer tempo (aquela da pragmática sensação do presente eterno), em que a atitude própria da construção das metonímias faz emergir a força da palavra do meio do caldo visual que, nesta atualidade, inunda os meios de comunicação e, reiteradamente, cobra a veiculação das ideias através do que esta segunda década do XXI acostumou a chamar de novas narrativas.

Acontece que na reflexão aldravista da abertura do século XXI, a narrativa é a estrutura básica de qualquer texto. Seja numa aldravia, encadeamento de seis versos univoculares, seja num romance, sucessão de eventos em torno de um tema, a narrativa dá estrutura ao que será reconhecido como texto. Não são novas narrativas as que encontramos nas veiculações dos novos meios — são novos envelopes textuais às estruturas narrativas básicas — evocação, conflito e resolução.

Historicamente a narrativa, o ato de relatar, constitui a forma básica das relações sociais, uma vez que aquele que presencia um acontecimento sente-se no dever de relatá-lo aos demais, seja para simplesmente dar ciência, seja para construir alerta. O primeiro caso tem cunho noticioso e o segundo didático.

Como os discursos sociais são recortados por relações de poder, os relatos simples dão lugar para relatos elaborados para conquistarem finalidades didáticas específicas — nas famílias, para garantirem que as regras internas não sejam contaminadas por regras externas; nas religiões, para garantirem seus dogmas; nos estados,

para garantirem seus domínios. Todos estes estamentos, em todos os tempos, elegem algum paradigma literário, de cujas narrativas constroem seus heróis para ditarem as diretrizes a serem seguidas pelas novas gerações — o avô é o herói familiar, um profeta, um pajé, um pastor será o porta-voz de uma divindade; um rei, uma rainha, um presidente, um general será um herói nacional.

Entre os tantos exemplos históricos de relatos, podemos citar os dos livros sagrados e as epopeias. Os livros sagrados, cada civilização à sua maneira, constroem relatos da criação do mundo e das lutas pelas organizações sociais; as epopeias (seja Gilgamesh da Mesopotâmia ou Odisséia da Grécia) são poemas que relatam feitos na construção de heróis; mitos que são tomados como exemplo de força e poder.

Imaginando a possibilidade de um relato poético instaurar a construção não de um herói, persona divinizada, mas de um tema heróico, grandioso, capaz de enlevar uma palavra da simples condição de palavra simples à de palavra grávida de sentido heróico e grandioso, apresentamos a possibilidade de construção de um conjunto de aldravias temáticas, ao qual se designará por aldravipeia, conjunto de 20 aldravias dedicadas a uma palavra, que deverá aparecer ou ser aludida em todas as aldravias desse conjunto.

Não se trata de uma nova narrativa, mas de uma nova forma, ou um novo texto, capaz de pôr em destaque um conceito, um nome, um lugar, um sentimento, uma sensação, explorando a polifonia, isto é, a multidão de sentidos que explodem de cada palavra de uma língua.

As possibilidades de exploração de sentidos diferentes de uma palavra são experimentadas cada vez que nós percebemos universos discursivos diferentes. Azul para o universo discursivo de um aeronauta pode ter sentido de céu aberto; mas pode ser possibilidade de emprego, se assumir o sentido de empresa aérea; pode representar a monotonia de uma longa viagem, a estabilidade de um voo sem turbulência, o poder do



Andreia Donadon Leal

pássaro, a alegria da vastidão do céu ou a tristeza de ser minúsculo nessa mesma vastidão; o pavor de ter azul acima e negritude na barriga do avião. Que dizer então de multidão de sentidos de azul nas religiões, nos símbolos nacionais e institucionais, nos esportes, nas artes, nos sentimentos. Não importa a palavra; todas são polifônicas, todas têm inúmeros sentidos. Para construir uma aldravipeia, basta experimentar uma palavra em lugares e situações diferentes, compondo 20 aldravias a partir de uma mesma palavra.

O nome aldravia foi sugerido por Andreia Donadon Leal em 2010 e agora, inspirada em transmutações, conjunto de aldravias dedicadas à palavra pedra, de Gabriel Bicalho, publicado em 2011 no livro *Geminais*, primeiro livro mundial de aldravias, essa inventaria de palavras propõe aldravipeia para designar o conjunto de 20 (vinte) aldravias dedicadas a uma palavra. Em 20 aldravias, uma palavra poderá ser experimentada em 20 diferentes universos discursivos.

Aldravipeia
Andreia Donadon Leal

LÁGRIMAS

I
apaixonadas
torrentes
lágrimas
olhos
saúde
poesia
II
compreensão
lágrimas
versos
cárpidos
desafinam
linométricas
III
fino
choro
finíssima
lágrima
ovalhada
alma

IV
fio
aquoso
fiapo
sentimental
finíssimo
choro
V
líquido
lágrima
transborda
dor
ou
alegria
VI
lágrimas
inundação
devastadora
de
alma
transborda
VII
quentes
lágrimas
evaporam-se
verão
finda
primavera
VIII
lágrimas
regam
flores
sobre
solo
pedregoso
IX
seus
olhos
molhados
espargem
alma
ressecada
X
choro
fingido
palavras
molhadas
lágrimas
cenográficas
XI
tristeza
particular
alegria
pública
comunicado
lágrima
XII
sonhos
lágrimas
vêm
e
vão
?

XII
lágrima
fala
o
que
voz
em barga
XIV
lágrima
divina
ora
brilho
ora
mistério
XV
lágrima
alma
refletida
espelho
de
espelho
XVI
lágrima
cristalina
sombra
de
mistérios
interiores
XVII
vela
choras
lágrimas
de
ceras
crentes
XVIII
lua
gerânios
ciclos
lágrimas
espinhos
fases
XIX
corpo
sem
pouso
lágrima
sem
rosto
XX
concebida
no
espírito
lágrima
nasce
água

J.B. Donadon Leal é
Doutor em Semiótica pela
USP, Pós-Doutor em
Análise do Discurso pela
UFMG e membro da
Academia Municipalista
de Letras de Minas Gerais.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

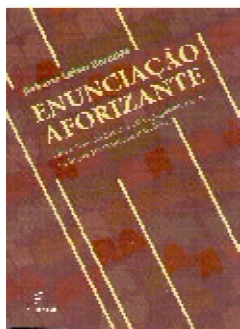
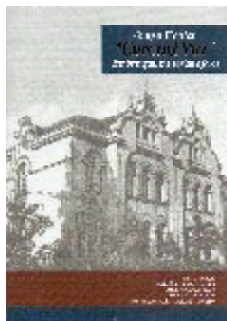
Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Lançamentos e Livros

Grupo Escolar “Coronel Vaz” - Lembranças, memórias e fatos -, de Zina C. Bellodi, Dorival Martins de Andrade, Antonio Pascoal André, Lucimari Missae Seto, com a colaboração de Zina Assirati Casemiro, Jabotical (SP), 267 páginas.

A obra reúne fotos, documentos, depoimentos de ex-alunos, atas, notícias de jornais para resgatar a memória deste estabelecimento de ensino que completou centenário de fundação.

Zina Bellodi: bellodi@netsite.com.br



Enunciação Aforizante - um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana, de Roberto Leise Baronas, 146 páginas, Edufscar, São Carlos, SP.

O autor é Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e fez doutorado sanduíche na Université de Paris XII.

A obra, organizada em cinco capítulos, apresenta um estudo discursivo sobre a produção, circulação e transformação de pequenas frases na imprensa brasileira.

Edufscar: www.editora.ufscar.br

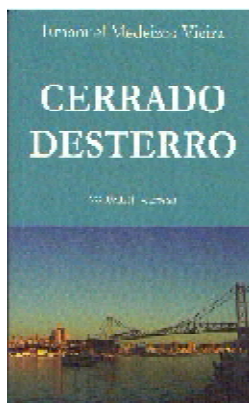
Cerrado Desterro, volume II, memórias, de Emanuel Medeiros Vieira, Edição do Autor, Salvador, BA, 382 páginas.

O autor é escritor, poeta, professor e crítico literário.

O prefácio é de Paulo Leonardo Medeiros Vieira. A obra reúne narrativas e depoimentos. Na página 370, sessão depoimentos, está publicado o texto *Camarada de Verdade*, de Rosani Abou Adal.

Segundo Silvério da Costa, “*Cerrado Desterro* é um livro visceral. É uma viagem que ele faz no tempo, registrando as passagens mais significativas de sua existência.

Emanuel Medeiros Vieira: metonia55@hotmail.com



Concursos

XIV Concurso Literário de Poesias, promovido pela Prefeitura Municipal de Casimiro de Abreu, através da Fundação Cultural Casimiro de Abreu, está com inscrições abertas até o dia 30 de janeiro de 2014 para poema inédito, com tema livre, escrito em língua portuguesa. Os interessados poderão inscrever apenas um trabalho, em cinco vias, digitados em papel branco A4, de um só lado da folha em fonte Arial ou Times New Roman, tamanho 12 e espaço 1.5. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Premiação: primeiro colocado receberá R\$ 500,00 (quinhentos reais) e certificado; segundo colocado receberá R\$ 300,00 (trezentos reais) e certificado; terceiro colocado receberá R\$ 200,00 (duzentos reais) e um certificado.

O resultado será divulgado no Dia Nacional da Poesia, 14 de março de 2014. A premiação será entregue no dia 21 de março de 2014, durante evento comemorativo ao Dia Mundial da Poesia, na Casa de Cultura Estação Casimiro de Abreu, às 20 horas.

Os trabalhos deverão ser enviados para o XIV CONCURSO LITERÁRIO DE POESIA - Fundação Cultural Casimiro de Abreu, Rua Salomão Ginsburg, 168, Centro, Casimiro de Abreu - RJ - 28860-000. **Edital:** www.culturacasimiro.rj.gov.br/CONCURSO_LITERARIO_2013.html

Notícias de Piracicaba

HQ PRA VCI, Bate-papo com o caricaturista Eduardo Baptista, **0 Baptistão**, que fala sobre a profissão de ilustrador a partir da sua experiência pessoal, e mostra desenhos criados ao longo da vida e carreira, será realizada no dia 26 de outubro, sábado, às 15 horas, no Teatro do SESC.

Workshop de Caricatura, aula-demonstração de um desenho completo, do esboço inicial à arte final, com o ilustrador e caricaturista **Baptistão**, será realizada no dia 27 de outubro, domingo, às 10 horas, na Tenda do SESC.

Os vencedores do 11º Salãozinho de Humor de Piracicaba, na categoria de 7 a 10 anos, foi a estudante piracicabana Raíssa Pedrosa da Escola Estadual Professor José Romão com caricatura de *Chiquinha*, personagem da *Turma do Chaves*. Lia Tricoli, do Instituto de Arte e Cultura Garatuja, de Atibaia, venceu na categoria 11 a 14 anos, com a versão do cantor *Pe Lanza*.

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, que será realizado no dia 19 de novembro, terça-feira, às 19 horas, na Biblioteca Municipal de Piracicaba, contará com a participação de José Carlos do Patrocínio e Ediana Maria Arruda Raetano (Grupo de Batuque de Umbigada e coordenadora do Grupo de Samba Lenço de Piracicaba).

O Centro Literário de Piracicaba realizará reunião no dia 30 de novembro, sábado, às 15h na Biblioteca Municipal. Aracy Duarte Ferrari falará sobre vida e obra de Monteiro Lobato.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 6 de novembro, quarta-feira, às 19h30 na Biblioteca Municipal.

Débora Novaes de Castro

Antologias:

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





Fábio Lucas

Fábio Lucas foi laureado com a Medalha Santos Dumont 2013, instituída pelo Governo do Estado de Minas Gerais. Também foi agraciado com o *Prêmio Guimarães Rosa*, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, pelo Conjunto de Obras.

Fábio Lucas lançou *Caros Autores* – Lygia Fagundes Telles, Ignácio de Loyola Brandão, Mário Quintana e Jorge Amado, pela RG Editores, no dia 10 de outubro, Academia Paulista de Letras.

Renata Pallottini tomou posse na Academia Paulista de Letras, no dia 26 de setembro, para ocupar a cadeira nº 20 que pertenceu ao acadêmico Hernâni Donato.

Alice Munro, escritora e contista canadense, foi agraciada com o *Prêmio Nobel de Literatura* de 2013. Ela é a 13ª mulher laureada com o prêmio.

Transbabiliana, 36 Mujeres Poetas de Brasil, antologia bilingue editada pela Casa del Poeta Peruano, abriga poemas de Alice Ruiz, Alice Spindola, Ana Rüsche, Angélica Freitas, Angélica Torres Lima, Arlete Nogueira da Cruz, Astrid Cabral, Bruna Beber, Cristiane Grando, Cristiane Sobral, Darcy França Denório, Denise Emmer, Elizabeth Hazin, Eunice Arruda, Fernanda Cruz, Jussara Salazar, Kori Bolívia, Leonor Scliar-Cabral, Lilia Diniz, Lina Tâmega Peixoto, Lourdes Sarmento, Lourdes Teodoro, Lucila Nogueira, Maria Abadia Silva, Marina Colasanti, Myriam Fraga, Nina Reis, Renata Pallottini, Suzana Vargas, Sylvia Cyntrão, Vera Americana, Virna Teixeira e Zélia Bora.

Sérgio Dário Machado, presidente da Academia Maçônica de Letras do Espírito Santo, e Sebastião Ribeiro Filho serão os homenageados da 14ª edição da Quinta Cult, que será realizada no dia 31 de outubro, na Praça de Alimentação do Shopping Mestre Álvaro, na Avenida João Palácios, 300, Serra (ES).

Ana Maria Machado foi laureada com o *Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon* 2013, com o romance *Infância*.

Notícias

A Câmara Brasileira do Livro divulgou os três primeiros colocados do 55º *Prêmio Jabuti* das 27 categorias. www.premiojabuti.org.br/resultado.

Marta Suplicy, ministra da Cultura, lançou edital destinado ao fomento, produção, difusão e distribuição de livros em formato acessível como os audiolivros ou outro modo que permita o acesso de pessoas com deficiência visual ao seu conteúdo (acessibilidade).

A Ministra Cármen Lúcia determinou a realização de audiência pública, nos dias 20 e 21 de novembro, das 9 às 13 horas, para discutir a necessidade de autorização para a publicação de biografia. Os interessados em participar deverão encaminhar requerimento até o dia 12. autorizacao@debiografia.stf.jus.br.

O Site Vinicius de Moraes, lançado no dia 19, em comemoração ao centenário do seu nascimento, abriga fotos, discografia, textos de teatro, prosa, críticas e canções. www.viniciusdemoraes.com.br/

A Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil realizou no dia 12 de outubro, no auditório do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP, reunião solene de posse de Ilma de Castro Barros e Salgado, cadeira nº 33, patrono Pedro Nava; Miriam Stella Blonski, cadeira nº 34, patrono Josef Blonski, e Israel Quirino, cadeira nº 35, patrono Cláudio Manuel da Costa, como membros efetivos e, de Bruno Mól Crivellari, cadeira nº 2 como Membro Benemérito.

Raquel Naveira foi agraciada com o *Prêmio Guavira de Literatura* da Fundação de Cultura de MS, na categoria Poesia, com o livro *Sangue Português: raízes, formação e lusofonia*. Na categoria romance foi laureado João Gilberto Noll e, na categoria conto, Lucilene Machado.

O **Caminhantes de Santa Luzia**, romance de Ricardo Ramos, foi lançado pela Biblioteca Azul. A obra foi laureada com o *Prêmio Jabuti*.

O **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação** investirá R\$ 1,127 bilhão, a partir do ano que vem, para a compra de livros didáticos, versões acessíveis e objetos digitais de apoio destinados à educação básica pública.

Ludimar de Miranda lançou o livro de poemas *Embarque Literário*, pela Daikoku Editora e Gráfica. poetaludimar@gmail.com

O **Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos** realiza sessão solene de entrega das lãureas no dia 22 de outubro, no Memorial da América Latina, em São Paulo. Rosani Abou Adal, jurada da primeira fase da categoria *Jornal*, também participou da escolha dos vencedores das nove categorias como representante da Associação Brasileira de Imprensa. O *Prêmio Especial Vladimir Herzog 2013* homenageará Perseu Abramo (criador do Prêmio, *in memoriam*), Marco Antônio Tavares Coelho e Raimundo Rodrigues Pereira. O Prêmio é organizado pela Associação Brasileira de Imprensa (Representação em São Paulo) – AB/SP, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – ABRAJI, Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil – UNIC Rio, Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, Fórum dos Ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo, Instituto Vladimir Herzog, Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo e Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. www.premiovladimirherzog.org.br/

José Aureliano dos Reis tomará posse como membro titular da Academia Taguatinguense de Letras no dia 28 de outubro, sábado, a partir das 19 horas, no Espaço Cultural de Taguatinga (DF). A academia é presidida por Gustavo Dourado.

A **Feira Internacional do Livro de Guadalajara**, realizada de 30 de novembro a 8 de dezembro, no México, terá Israel como país homenageado. David Grossman e Mario Vargas Llosa abrirão a programação literária no dia 1 de dezembro.

Rosani Abou Adal representou a Associação Brasileira de Imprensa na solenidade de entrega do *Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo*, realizada em setembro no Instituto Cultural Itaú. O prêmio é organizado pela revista e Portal *Imprensa*. Rosani também participou da votação final do júri como representante da ABI.

O **Clube Português**, através do Departamento Cultural, realizou em setembro o *Sarau Fadista*, com o *Grupo Fado Vadio*. Na ocasião foi lançado o livro *Fado no Brasil: Artistas & Memórias*, de Thais Matarazzo.

Cristina Jorge Dias lançou *Jogos pedagógicos e histórias de vida*, pela Edições Loyola. Parte da venda do livro será destinada ao Instituto Gabi – Inclusão Social.

Mestre Wang lançou a HQ infantojuvenil *As Crianças da Sombra - Uma Aventura no País Miao*, terceiro volume da coleção criada por Béka e Marko, colorida por Maëla Cosson, que foi lançada no Brasil pela Editora Nemo.

Realidades Y Ficciones - RyF, revista literária, Buenos Aires, Argentina, está selecionando colaborações para a edição de dezembro. zab_he@hotmail.com

Carlos Vazconcelos, Mestre em Literatura Comparada pela UFC, lançou o romance *Os Dias Rouba-dos*. A obra foi laureada com o *Prêmio de Incentivo às Artes*, de 2011, da Secult/CE.

A **8ª Balada Literária** homenageará o cartunista Laerte. O evento será realizado de 20 a 24 de novembro, na Vila Madalena, em São Paulo, pela Livraria da Vila e Marcelino Freire, com patrocínio da FTD Editora e apoio da Biblioteca Alceu Amoroso Lima, Centro Cultural b arco, Edith, Itaú Cultural e SESC Pinheiros. www.baladaliteraria.com.br

A **Editora Ideias & Letras**, fundada em 2003, inaugurou a primeira livraria em Campinas, R. Sacramento, 202, Centro. A livraria funciona de segunda a sexta, das 8h às 18h, e aos sábados, das 9h às 13h.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589